

«Escavar uma nuvem» — Rui Horta Pereira

De 22 de março de 2024 a 1 de junho de 2024 / 14h30-19h30

Ao longo dos últimos anos, movido por uma forte consciência política e ética, Rui Horta Pereira tem vindo a integrar recursos naturais, como o sol ou a água da chuva, no seu processo artístico, sendo disso exemplos as recentes séries «Baixa intensidade» (2022) ou «A maioria das pedras não tem fôlego & etc.» (2020). Recorrendo a estes elementos, há desde logo uma premissa que se lhe impõe: aceitar o Tempo como instrumento e veículo desta estratégia, forçando-o, então, a uma desaceleração da vertigem contemporânea. Saber esperar. Ao convocar a Natureza para a construção da obra de arte, surge, concomitantemente, uma dimensão performativa e aleatória. É essa ideia da produção artística ser feita ao vivo, numa dança, em tempo real, entre o artista e o que o circunda que Rui Horta Pereira já havia explorado na série de vídeos «Plano de dobra» (2011/2012). Saber aceitar. A componente aleatória desempenha um papel importante, não só pelas inúmeras possibilidades que apresenta ao artista, como na afirmação do seu critério autoral. Saber escolher. Por fim, uma questão crítica subjacente à prática artística: quando considerar que a obra está terminada? Neste caso, é o mesmo que decidir quando interromper a ação da Natureza. Saber parar.

«Escavar uma nuvem» agrega estas múltiplas facetas e idiosincrasias criativas de Rui Horta Pereira: esperar, aceitar, escolher, parar, acções estas que têm a “situação” como ponto de partida do processo artístico. Entenda-se, aqui, a situação como «somewhere or something constituted through social, economic, cultural and political processes» por um artista itinerante, como assim apresenta Miwon Kwon no seu ensaio «One place after another». Desenvolvida num contexto específico, esta exposição sugere uma viagem pelo Parque Natural da Arrábida, resgatando vestígios, registando a acção da Natureza ao longo de anos. Primeiro como testemunha, depois como protagonista do processo, Rui Horta Pereira recolhe a matéria, altera-lhe os referentes, conferindo-lhe cariz estético e artístico. É assim com a série «Ilha sem mar», desenhos feitos com água de Zambujeiro, ou com a série «Óculo», troncos de cedro roídos pela carcoma. Temos ainda uma cartografia de uma paisagem que já não existe: um tronco de cedro que sucumbiu à erosão do tempo, com as séries «Pele», «Estilho» e «Caverna». Se a primeira destas, é natural e resulta de uma gravura-cega que dá ao visitante uma visão panóptica deste tronco que foi a matriz, as outras são maquinais e reflectem o posicionamento de Rui Horta Pereira

face à tecnologia: “Não tenciono substituir o meu olhar por uma decisão que me escapa”. «Estilho» e «Caverna» são gravações a laser, sobre papel ou gesso, de imagens 3D do tronco que outrora existiu e que foi alvo de uma acção da Natureza. Aqui, essa é a função da Tecnologia: traduzir estes acontecimentos naturais, e não substituir o Artista.

À impossibilidade e ao absurdo do título, em «Escavar uma nuvem» congrega-se a estratégia de aproveitamento de recursos naturais, onde o acaso, num constante jogo, interpela o artista sobre o resultado e o sentido do processo criativo.

Ana Matos

Lisboa, Março de 2024

«Escavar uma nuvem» — Rui Horta Pereira

From March 22, 2024 until June 1, 2024 / 2:30pm-7:30pm

Over the past few years, driven by a strong political and ethical awareness, Rui Horta Pereira has been incorporating natural resources such as sunlight or rainwater into his creative process, as seen in recent series like «Baixa intensidade» (Low Intensity) (2022) or «A maioria das pedras não tem fôlego & etc.» (Most stones don't have breath & etc.) (2020). By using these elements, there is an immediate premise that imposes itself: accepting Time as an instrument and vehicle of this strategy, thereby compelling a deceleration of contemporary vertigo. Knowing how to wait. By summoning Nature into the construction of the artwork, there arises simultaneously a performative and aleatory dimension. It's the idea that artistic production is done live, in a dance, in real-time, between the artist and their surroundings, which Rui Horta Pereira had already explored in the video series «Plano de dobra» (Fold Plan) (2011/2012). Knowing how to accept. The random component plays an important role, not only because of the numerous possibilities it presents to the artist, but also in affirming their authorial criterion. Knowing how to choose. Lastly, a critical question underlying artistic practice: when to consider the work finished? In this case, it's akin to deciding when to interrupt Nature's action. Knowing when to stop.

«Escavar uma nuvem» (To Dig a Cloud) encompasses multiple facets and creative idiosyncrasies that Rui Horta Pereira embodies: waiting, accepting, choosing, stopping – actions that have the “situation” as the starting point of the artistic process. Here, “situation” is understood as “somewhere or something constituted through social, economic, cultural, and political processes” by an itinerant artist, as presented by Miwon Kwon in her essay «One place after another». Developed in a specific context, this exhibition suggests a journey through the Arrábida Natural Park, where Rui Horta Pereira, as the protagonist of the process, gathers material, alters its references, giving it an aesthetic and artistic character. This is evident in the series «Ilha sem mar» (Island without sea), drawings made with water from Zambujeiro, or in the series «Óculo», cedar logs gnawed by woodworms. We also have a cartography of a landscape that no longer exists: a cedar trunk succumbed to the erosion of time,

depicted in the series «Pele» (Skin), «Estilho» (Splinter), and «Caverna» (Cavern). While the first is natural and results from a blind engraving that gives the visitor a panoptic view of this trunk that served as the matrix, the others are mechanical and reflect Rui Horta Pereira's stance towards technology: "I do not intend to replace my gaze with a decision that eludes me." «Estilho» (Splinter) and «Caverna» (Cavern) are laser engravings, on paper or plaster, of 3D images of the trunk that once existed and was subject to a natural event. Here, the function of Technology is to translate these natural events, not to replace the Artist.

In the impossibility and absurdity of the title, «Escavar uma nuvem» (To Dig a Cloud) brings together the strategy of harnessing natural resources, where chance, in a constant play, challenges the artist about the result and the meaning of the creative process.

Ana Matos

Lisboa, March 2024

Notas biográficas de Rui Horta Pereira Biography of Rui Horta Pereira

Évora, 1975

Formado em Escultura pela FBAUL, desde 2000 que o seu trabalho se centra sobretudo na escultura e no desenho, de como a construção do processo criativo não está desassociada da acção do criador, em todos os seus aspectos - sejam éticos, sociais, ambientais - bem como essa relação pode concretizar-se de forma eficaz. Expõe com regularidade desde 2010.

Está representado nas colecções nacionais: Colecção de Arte Contemporânea do Estado / Ministério da Cultura, Colecção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Colecção Fundação Carmona e Costa, Colecção PLMJ, Colecção Berardo, Colecção Figueiredo Ribeiro, Colecção Luís Ferreira, Colecção Carlos Mimoso e Isabel Mendes, Colecção Arte Contemporânea Tróia Design Hotel, e internacionais: Colecção Tiqui Atencio (Mónaco), Colección Art Fairs (Espanha), Colecção Kells Art Collection (Espanha), Colecção Carlos Garaicoa (Espanha), e Colecção Regina Pinho (Brasil). É representado por Salgadeiras Arte Contemporânea.

Évora, Portugal, 1975

Graduated in Sculpture by FBAUL, since 2000, his work has been mostly focused on sculpture and drawing, and the ways the artistic process is not detached from the artist's, the creator's, actions in all its ethical, social, environmental dimensions, and on how this relationship can be made successfully. He has been exhibiting regularly since 2010.

Is represented in the portuguese collections: State's Contemporary Art Collection / Ministry of Culture, Calouste Gulbenkian Foundation's Library Art Collection, Carmona e Costa Foundation Collection, PLMJ Collection, Berardo Collection, Figueiredo Ribeiro Collection, Luís Ferreira Collection, Carlos Mimoso e Isabel Mendes Collection, Tróia Design Hotel Contemporary Art Collection, and internationally: Tiqui Atencio Collection (Monaco), Colección Art Fairs (Spain), Kells Art Collection (Spain), Carlos Garaicoa Collection (Spain), and Regina Pinho Collection (Brazil). Is represented by Salgadeiras Arte Contemporânea.

Formação Studies

2000. Escultura. Sculpture. Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Exposições individuais Solo exhibitions

2022. “Nem acaba nem começa”. Espaço Taj. Lisboa.
“Território translúcido”. Galeria das Salgadeiras. Lisboa.
“Laivo”. PIPA - Programa da Imagem e da Palavra da Azinhaga. Azinhaga. PT.
2020. “A maioria das pedras não tem fôlego e etc”. Galeria das Salgadeiras. Lisboa.
2019. “Mapa Luga, uma Lacuna”. Centro Cultural de Cascais. Cascais. PT.
2018. “Solaris”. Casa das Artes. Tavira. PT.
“Eco”. Fundação Bienal Cerveira (Projecto Novos Artistas). Vila Nova de Cerveira. PT.
“Mergulho”. Galeria das Salgadeiras. Lisboa.
“Opaco”. Biblioteca FCT NOVA. Costa da Caparica. PT.
“Sono”. CIAJG. Guimarães. PT.
2017. “Cenário” — Escultura Pública realizada no âmbito do festival Artes à Rua com a associação Pó-de-Vir-a-Ser. Évora. PT.
“Horas Vagas”. CaC. Ponte de Sor. PT.
2016. “Hífen-Modo Composto”. CaC. Ponte de Sor. PT.
“É”, curadoria de Nuno Faria. Fundação Carmona e Costa. Lisboa.
2015. “Erosão”. Convento Cristo. Tomar. PT.
2014. “Água e um pouco de areia fina”. Museu de Arte Popular. Lisboa.
“Turvo”. Galeria 3+1. Lisboa.
2013. “Around”. Galeria Quadrum. Lisboa.
2011. “Remanescente”. Galeria 3+1. Lisboa.
“O Frágil culto do desenho”. Torres Vedras. PT.
2010. “Tudo aquilo que cair da mesa para o chão”. Quase Galeria. Porto. PT.
“Linda Fantasia”. Carpe Diem Arte e Pesquisa. Lisboa.

Exposições coletivas Collective exhibitions

2024. “Ditongo”. Casa d’Avenida. Setúbal. PT.
2023. “Álbum de Família”, com curadoria de João Pinharanda e Manuel da Costa Cabral. Fundação Carmona e Costa. Appleton [BOX]. Lisboa.
- “A forma em formação”, com curadoria de Ricardo Escarduca. Brotéria. Lisboa.
- “Ver no escuro”, com curadoria de Ana Anacleto. Centro de Artes de Águeda. PT.
- “O rato não roeu”. Museu Bordalo Pinheiro. Lisboa.
- “Tempo das Imagens IV — Edições recentes do CPS”. Biblioteca Nacional de Portugal. Lisboa.
2022. “Salada”. Paços-Galeria Municipal de Torres Vedras. PT.
- “De cá para lá”. Associação Pó de vir a ser. Évora. Oficinas do Convento. Montemor-o-novo. PT.
2021. “Pintura: campo de observação”. Galeria Cristina Guerra. Lisboa. “Ponto de situação”. Associação Pó de vir a ser. Évora. PT.
2020. “Earthkeeping Earthshaking”, curadoria de Giulia Lamoni e Vanessa Badagliacca. Galeria Quadrum. Lisboa.
- “Polifónica” — 3a Residência de 2020, projeto expositivo de Rui Horta Pereira e Filipa Vala. Porta 33. Funchal. Madeira. PT.
2019. “Cúmulo-Nimbo” — Escultura pública, projeto desenvolvido com Maria Ilhéu para o Festival Artes à Rua – Mais sustentável. Évora. PT.
- “Ater”. Galeria das Salgadeiras. Lisboa.
- “Studiolo XXI”, curadoria Fátima Lambert. Fundação Eugénio de Almeida. Évora. PT.
- “Apresentação de Caminho” — proposta para “Mais importante que desenhar é afiar o lápis”, seminário de Desenho, concepção de Nuno Faria. Porta 33. Funchal. Madeira. PT.
- “Call for Papers”, curadoria de Helena Mendes Pereira. Zet Gallery. Braga. PT.
2018. “A Evolução do Braço”, curadoria Nuno Faria. Museu Municipal de Faro. Faro. PT.
- “Processos em trânsito/ Livros de Artista”, curadoria Sobral Centeno. CM Matosinhos. PT.
2016. “Portugal em Flagrante, Operação 1”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- “Os Índios da meia Praia”, curadoria de Abdul Varetti, mediação de Nuno Faria. Galeria III. Lisboa.

Feiras de arte Art Fairs

2023. “SOL”. Galeria das Salgadeiras, Arte Santander. Santander. Spain.
2021. “Beyond the shadow”. Galeria das Salgadeiras, Drawing Room Lisboa. Lisboa.
“Repouso e movimento. Invenção”. Galeria das Salgadeiras, Just MAD Contemporary Art Fair. Madrid. Espanha. Spain.
2020. “Tempo como assunto e matéria”. Galeria das Salgadeiras, Drawing Room Lisboa. Lisboa.
“ATER”, Galeria das Salgadeiras, Just MAD Contemporary Art Fair. Madrid. Espanha. Spain.
2019. “The game of logic”, Galeria das Salgadeiras, Just MAD Contemporary Art Fair. Madrid. Espanha. Spain.
2014. Galeria 3+1. Pinta London. Londres. Reino Unido. London. United Kingdom.
2012. Galeria 3+1. Just MAD Contemporary Art Fair. Madrid. Espanha. Spain.
2011. Galeria Graça Brandão. Arte Lisboa. Lisboa.

Outros projectos Other projects

2022. “Riscar a cidade, Caderno na Rua”. Museu de Lisboa.
Projecto 2litho. Centro Magallanes_ICC para o Empreendimento de Indústrias Culturais e Criativas do Colégio dos Leões. Universidade de Évora. PT.
Projecto “LABEUR”. Laboratório Espacial Urbano. PT.
Projecto “Saco de Pedras”. Oficina portátil. Oficinas do Possível. Associação Pó de vir a ser. Évora. PT.
2021. Apresentação “Corda Bamba”, Curso de Artes Plásticas, disciplina de desenho. ESAD Caldas da Rainha. PT.
2020. Criação de serigrafias. Centro Português de Serigrafia. Lisboa.
Projeto de criação e produção de pratos cerâmicos originai. Cooperativa Árvore. Porto. PT.
2019. Residência Morgado do Quintão e criação de Rótulo. Lagoa. PT.
2018. Espaço Editorial, organização Maria do Mar Fazenda e Filipa Valadares. Drawing Room Lisboa.

Coleções Collections

Nacionais: Coleção de Arte Contemporânea do Estado / Ministério da Cultura, Coleção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Coleção Fundação Carmona e Costa, Coleção PLMJ, Coleção Berardo, Coleção Figueiredo Ribeiro, Coleção Luís Ferreira, Coleção Carlos Mimoso e Isabel Mendes, Coleção Arte Contemporânea Tróia Design Hotel.

Internacionais: Coleção Tiqui Atencio (Mónaco), Colección Art Fairs SL (Espanha), Coleção Carlos Garaicoa (Espanha), Coleção Kells Art Collection (Espanha) e Coleção Regina Pinho (Brasil).

Website

www.ruihortapereira.com